



Interseccionalidade: uma ferramenta NEGRA

Por Prof^a Dr^a Fátima lima

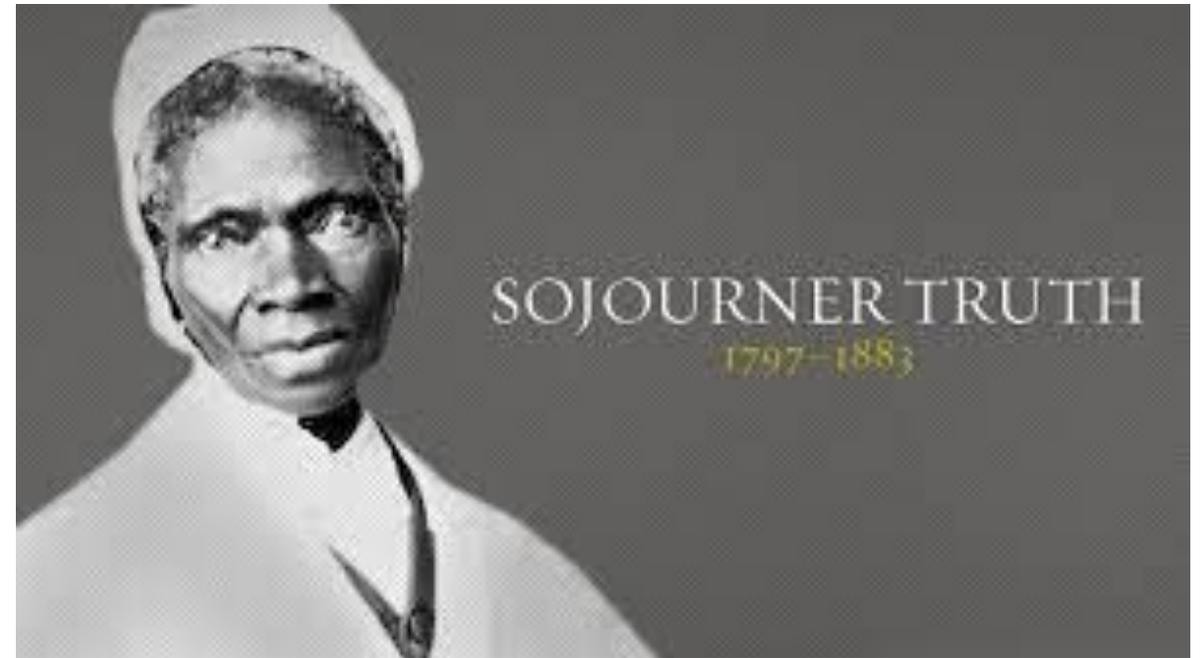


Interseccionalidade

- Interseccionalidade é a interação ou sobreposição de fatores sociais que definem a identidade de uma pessoa e a forma como isso irá impactar sua relação com a sociedade e seu acesso a direitos.



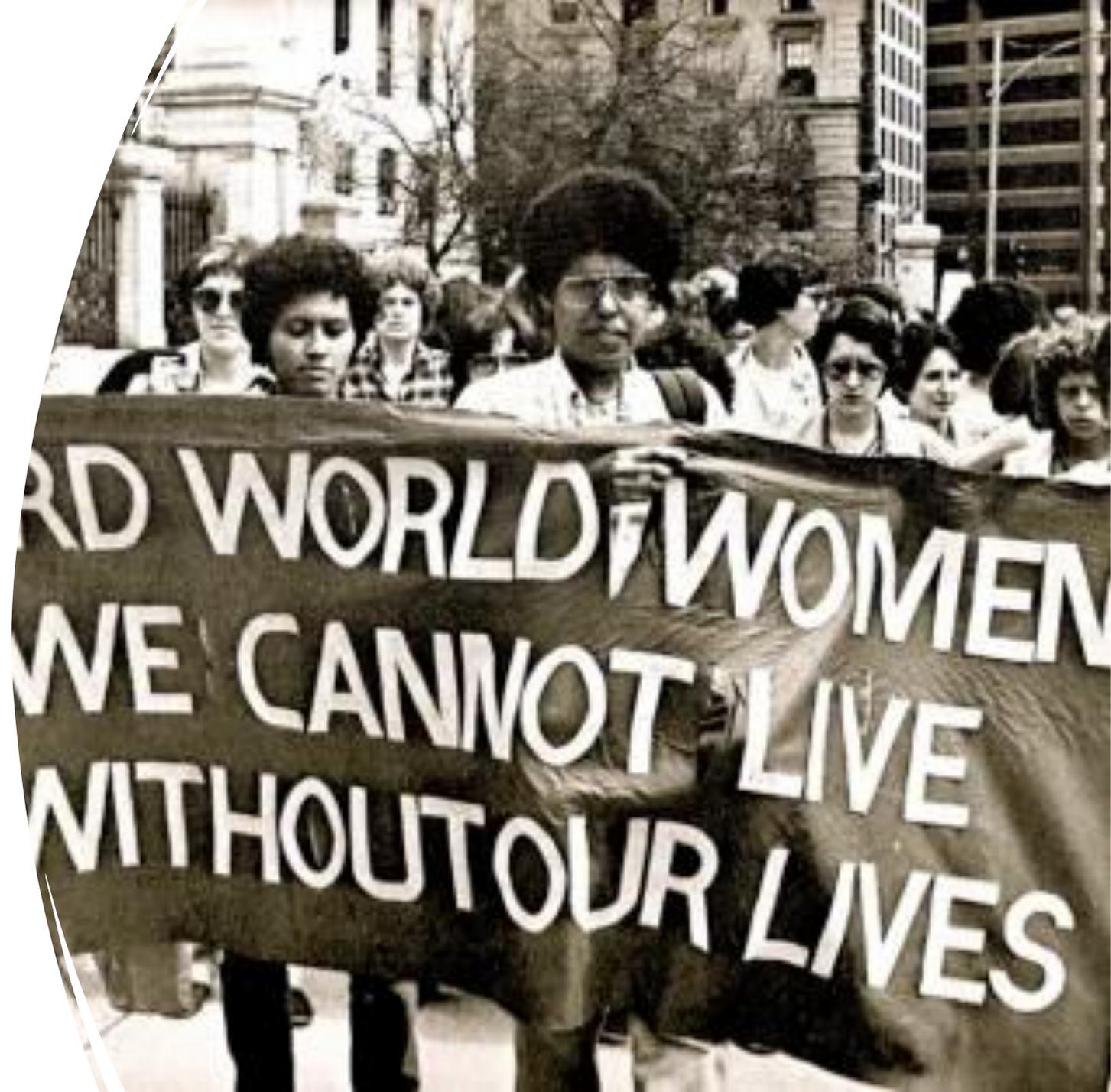
Soujourner Truth “ E não sou uma muher?”



- Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?
- Esse discurso foi proferido como uma intervenção na Women's Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851.
- Fonte: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>

Coletiva do Rio Combahee

- Integrantes do Combahee River Collective em uma marcha em Boston, 1979. Segurando a faixa, da esquerda para a direita: Maria Elena Gonzales, Margo Okasawa-Rey, Barbara Smith. (Foto: Tia Cross)



Manifesto do Coletivo Combahee River

The Combahee River Collective Statement

Coletivo Combahee River*

Traduzido por Stefania Pereira^b e Leticia Simões Gomes^c

Somos um coletivo de feministas negras que se reúne desde 1974¹. Durante esse período, estivemos envolvidas no processo de definição e esclarecimento de nossa política, enquanto realizávamos trabalhos políticos dentro de nosso próprio grupo e em parceria com outras organizações e movimentos progressistas. A declaração mais genérica de nossa política atual é a de que estamos ativamente comprometidas com a luta contra a opressão racial, sexual, heterossexual e de classe; encaramos como nossa tarefa particular o desenvolvimento de análise e práticas integradas baseadas no fato de que os principais sistemas de opressão estão interligados. A síntese dessas opressões cria as condições de nossas vidas. Como mulheres negras, vemos o feminismo negro como o movimento político lógico para combater as múltiplas e simultâneas opressões que todas as mulheres de cor enfrentam.

No texto que se segue, discutiremos quatro tópicos principais: (1) Agênese do feminismo negro contemporâneo; (2) Aquilo em que acreditamos, ou seja, a seara específica de nossa política; (3) Os problemas para a organização de feministas negras, incluindo uma breve história de nosso coletivo; (4) Pautas e práticas do feminismo negro.

A GÊNESE DO FEMINISMO NEGRO CONTEMPORÂNEO

Antes de olharmos para o recente desenvolvimento do feminismo negro, gostaríamos de afirmar que encontramos nossas origens na realidade histórica da luta contínua de vida e morte das mulheres afro-americanas, luta pela sobrevivência e pela liberação. A relação danosa entre mulheres negras e o sistema político americano (um sistema de governo de homens brancos) sempre foi determinada pela nossa participação em duas castas oprimidas, a racial e a sexual. Como Angela

a O Coletivo Combahee River foi uma organização feminista negra e lésbica ativa em Boston, entre 1974 e 1980 (N.T.).

b Doutoranda pelo Museu Nacional, UFRJ.

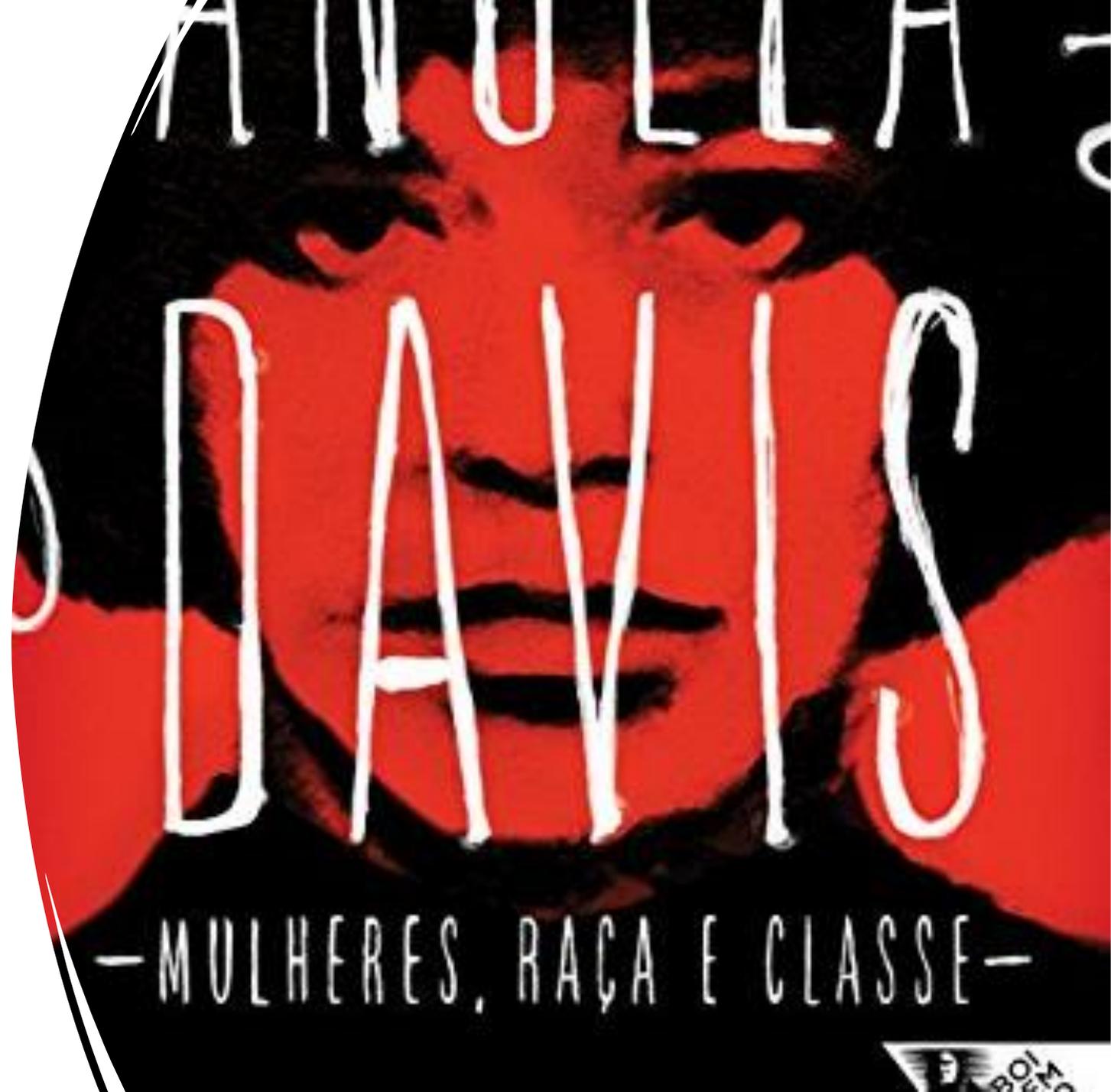
c Doutoranda em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), USP.

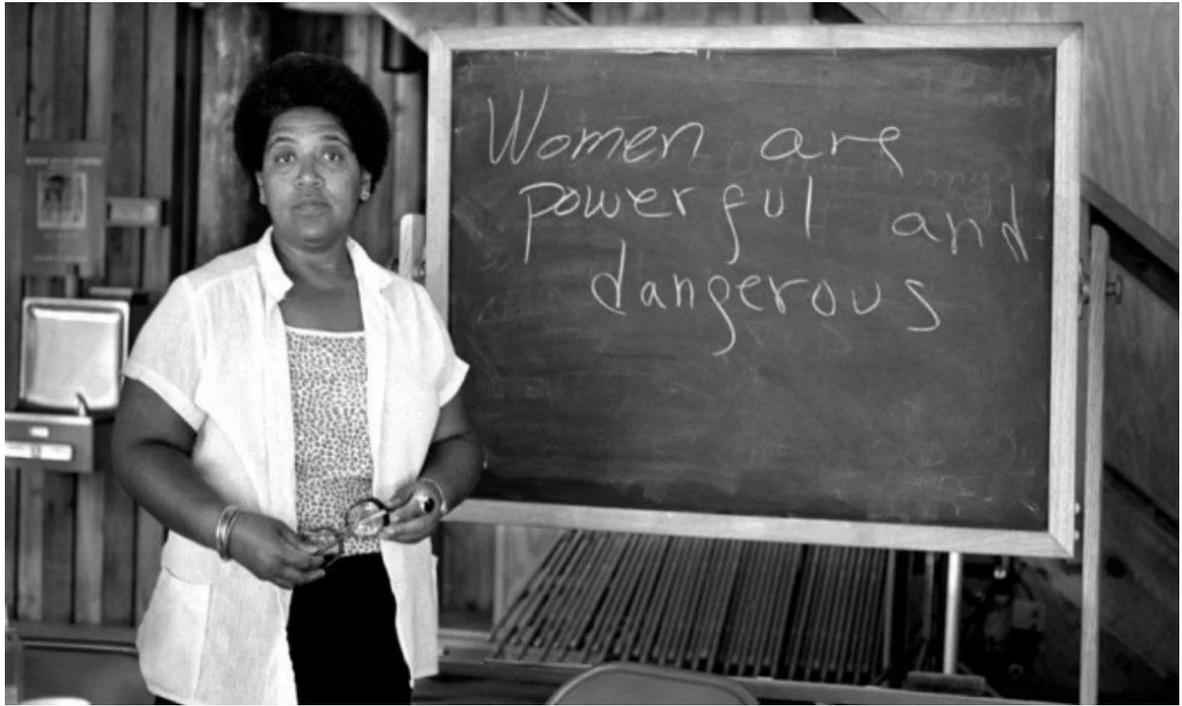
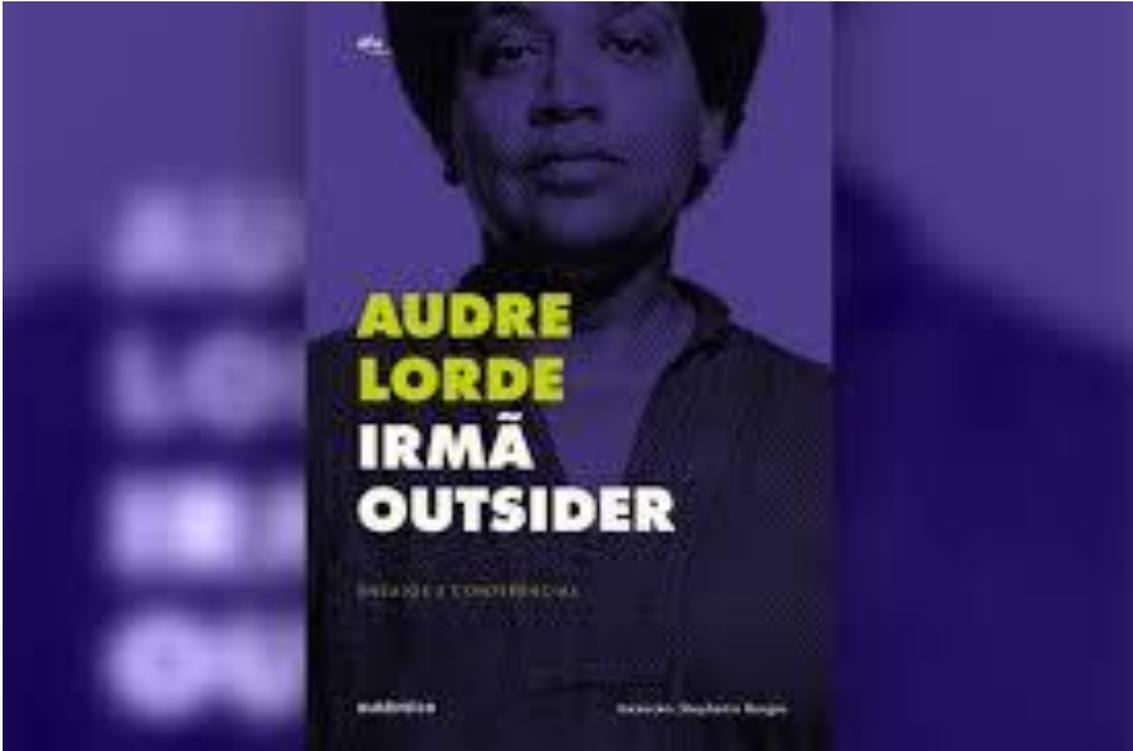
1 Este documento é datado de abril de 1977.



Angela Davis

- O livro *Mulheres, raça e classe*, da intelectual e feminista estadunidense Angela Davis, amolda-se, com precisão cirúrgica, a essa definição. Publicado em 1981, logo se converteu em referência obrigatória para se pensar a dinâmica da exclusão capitalista, tomando como nexos prioritários o racismo e o sexismo.





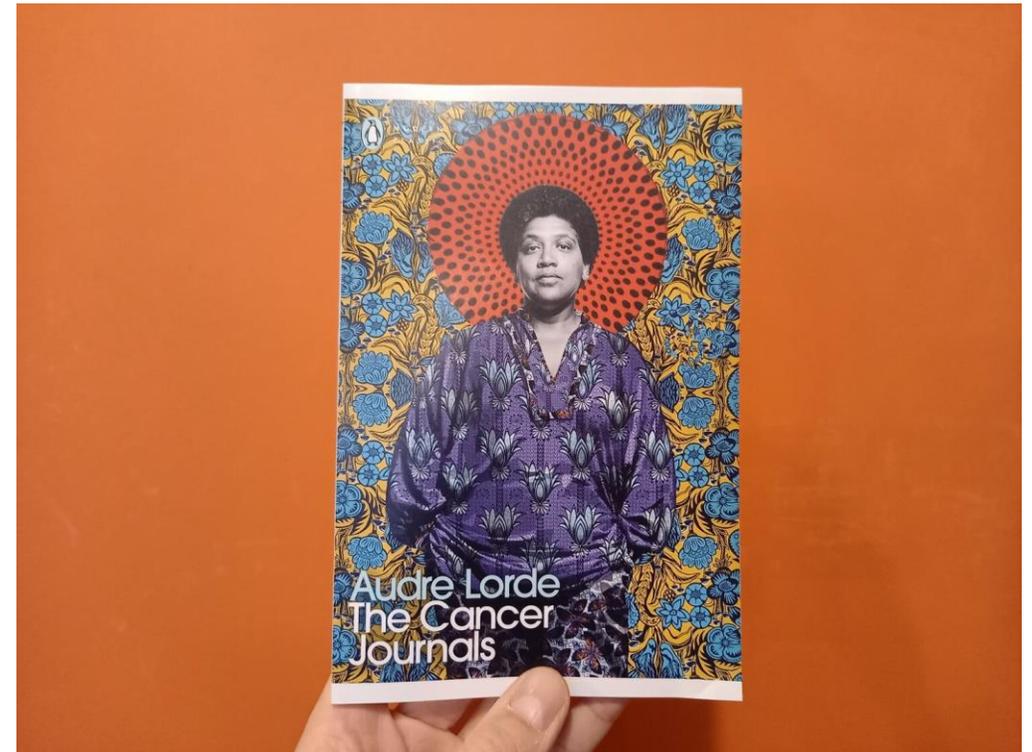
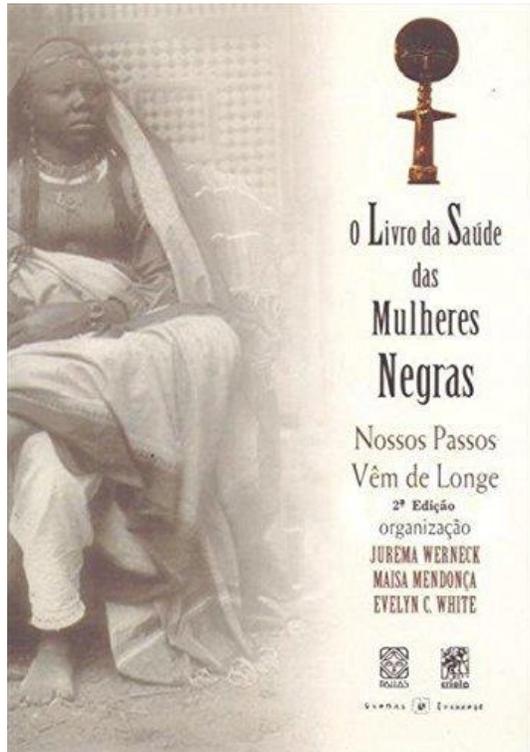
Audre Lorde (1934-1992)



PENSADOR

Não são as nossas diferenças
que nos dividem. É nossa
incapacidade de reconhecer,
aceitar e celebrar essas
diferenças.

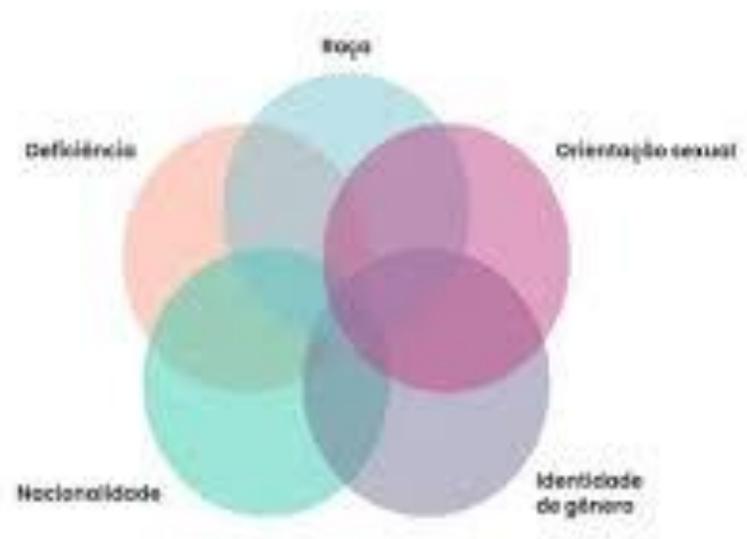
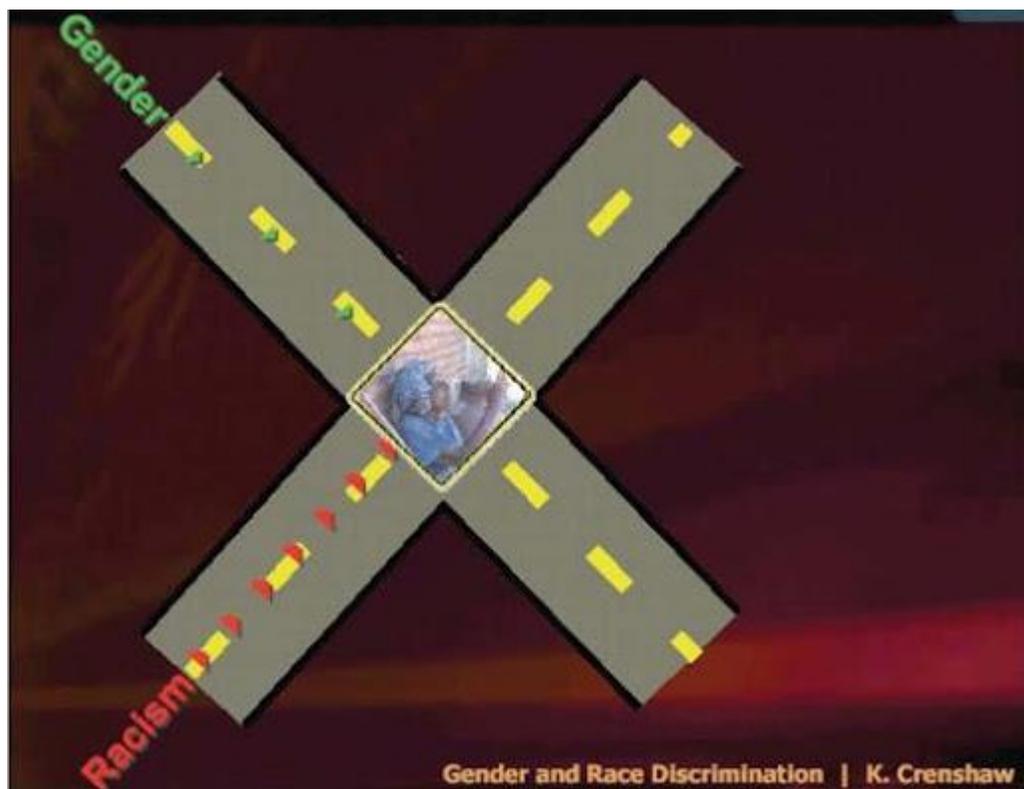
Audre Lorde



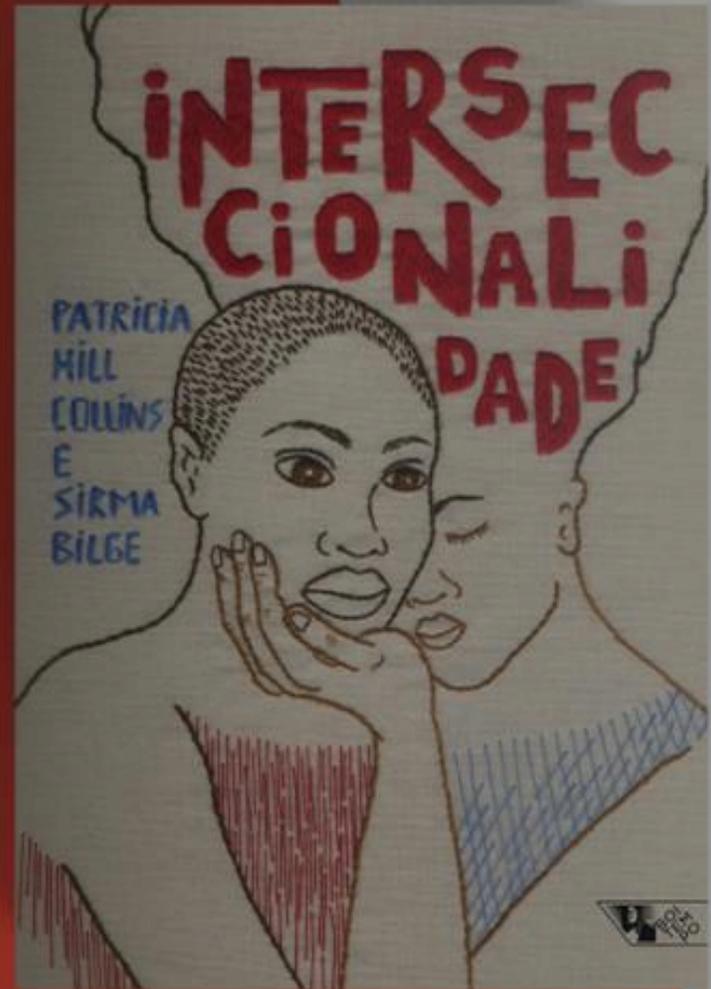


Kimberlé Crenshaw

Professor of law at UCLA and Columbia Law School



Patricia Hill Collins





Lélia
Gonzalez

Lélia Gonzalez

Racismo e Sexismo na Cultura
Brasileira
(1984)



@educacaocriolologia

Sueli Carneiro



"A sobreposição de raça, gênero e classe social coloca a mulher negra confinada no lugar mais vulnerável da nossa hierarquia social"

- Sueli Carneiro

Carla Akotirene



E o Cuidado em Saúde?



A Saúde tem cor? Debates sobre a saúde integral da população negra



Palestrante **Marina Nascimento**

Estudante de Medicina e monitora do Departamento de Medicina Preventiva e Social da UFMG. Membro do Comitê Técnico de Saúde da População Negra da Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais, coordenadora da Comissão Permanente de Enfrentamento ao Racismo da Faculdade de Medicina da UFMG (CPER FM), co-coordenadora da Liga Acadêmica de Saúde da População Negra (LASPON UFMG), co-coordenadora do Grupo de Estudo de Negritude e Interseccionalidades (GENI-UFMG).



Palestrante **Clarissa Santos Lages**

Médica de Família e Comunidade. Mestranda na Faculdade de Medicina da UFMG, Supervisora do Programa Mais Médicos, Coordenadora do Programa de Residência em Medicina de Família e Comunidade PUC Contagem, Professora da Faculdade de Medicina da PUC Contagem, Médica do CERSAM AD P/NO, Integrante da Rede Nacional de Médicas e Médicos Populares.



Palestrante **Rosa Maria dos Santos**

Técnica da Coordenação de Saúde Indígena e Políticas de Promoção da Equidade em Saúde da Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais.

Data:
19/11/21

Horário:
14h às 16h



Em breve iniciaremos a transmissão



Realização:

